



O MENINO ROUBADO

Por IZABEL AREOSA

Era uma vez um menino chamado Toneca. Toda a gente gostava muito dele porque era muito bonito, estudioso, e simpático. A mãe tinha morrido quando ele ainda era pequenino; mas o Toneca tinha um pai muito bom que substituiu a mãe em cuidados e desvelos, e não via outra coisa no mundo senão aquele filho.

O Toneca era um rapazinho com muito bom coração, mas tinha um grande defeito:—era muito desobediente.

O pai vivia desgostoso e cheio de apreensões por o filho ser assim e fazia tudo quanto podia para o corrigir, mas, como tinha de ir trabalhar de dia, para ganhar o dinheiro com que se sustentavam, não podia estar sempre a vigiar o Toneca e, por isso, quando saía para o trabalho, dizia-lhe sempre:

—«Não abras a porta a ninguém, meu filho, sem veres primeiro quem é. Se não for pessoa conhecida, não abras!»

O Toneca respondia sempre:

—«Sim, meu pai.»

Mas, daí a bocado, já não se lembrava das recomendações que o pai lhe fizera.

Assim, um dia foi uma mulher, muito velha, bater-lhe à porta, quando o pai estava fóra. O Toneca espreitou pela fechadura e, como viu que essa mulher trazia um cesto com brinque-

dos, ficou encantado e abriu-lhe a porta.

A mulher fez-se muito amável e deixou-o mexer nos brinquédos todos e escolher alguns, para pedir ao pai que lhos comprasse, assim que ele voltasse do trabalho.

Quando apanhou o Toneca mais entretido, a velha deu-lhe um lenço embebido num líquido misterioso e, subitamente, o Toneca sentiu-se adormecer. Então, a velha pegou nêle ao colo e meteu-o dentro do cesto, tapando-o tão bem com os brinquédos que ninguém diria que ia ali um menino roubado.

No dia seguinte, o Toneca ficou muito admirado de se encontrar a bordo de um navio que andava com muita velocidade. Como visse a mulher velha próximo dele, perguntou-lhe:

—«Porque estou aqui e para onde me levas?!»

Ao que ela respondeu:

—«Estás aqui porque eu te quis trazer, e vais para onde eu te quiser levar!»

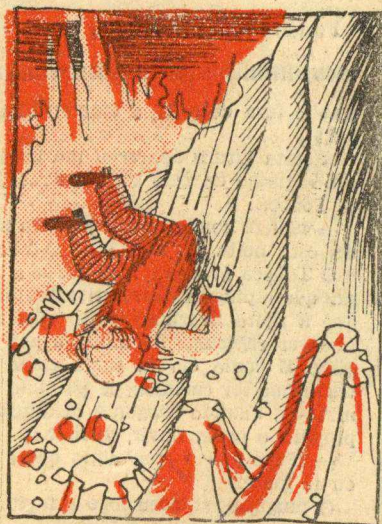
Então, o Toneca compreendeu que ela o tinha raptado e chorou imenso. Mas a velha não tinha pena dele e só lhe dizia:

—«Cala-te, senão bato-te!»

Passados dias, aportaram a uma pequena povoação onde fazia muito frio

e caía muita neve. Ali apareceram uns homens, muito feios, carregados de peles e que tinham uns modos muito bruscos. O Toneca ouviu-os discutir muito tempo com a velha mas não percebeu do que se tratava, porque eles falavam uma língua diferente da sua. A noite, depois de muito cogitar, o Toneca adormeceu. Caíra num sono profundo e, só no dia seguinte, quando acordou, deu por que estava num outro navio que andava ainda com mais velocidade. A velha ficára em terra e à volta dele, só estavam os tais homens carregados de peles. Só então compreendeu que a velha o vendera aqueles homens e que a discussão, a que assistira na véspera, era sobre o preço por que o haviam de vender. Teve muito medo e lembrou-se amargamente de quanto estava sofrendo por ter desobedecido às recomendações de seu pai.

Quanto mais o navio avançava mais frio ia fazendo.. Chegaram, por fim, a uma região onde não havia nem árvores nem flores nem ervas.. O solo estava coberto de neve. Aqui e ali, viam-se algumas cabanas muito pobres donde saíam uns homens como os que



o haviam comprado. Então, o Toneca perguntou por sinais aos homens que o tinham trazido, em que ponto do globo se encontrava. Grande foi o seu espanto quando os homens lhe apontaram num mapa uma região próxima do Polo Norte.

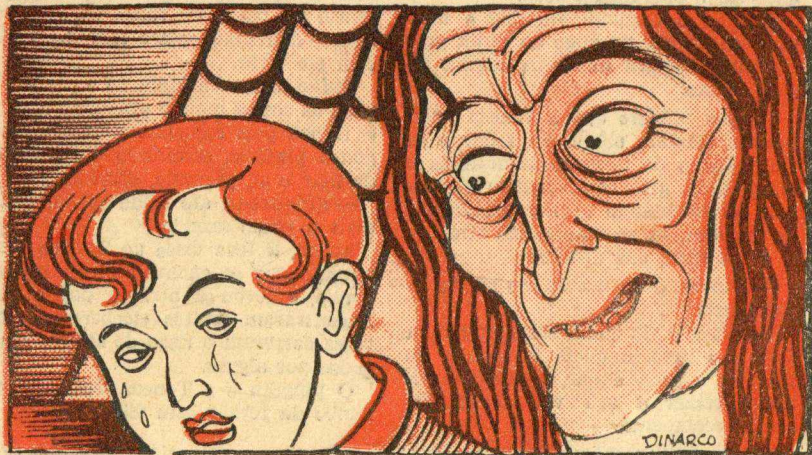
Só agora compreendia! Estava junto ao Polo Norte e aqueles homens eram esquimós! Que longe estava da sua pátria!

E o Toneca amaldiçoava a hora em que tinha desobedecido a seu pai.

Os esquimós mandavam o Toneca fazer os serviços grosseiros da cabana. Tinha de fazer a comida, as limpezas, etc.. Quando conseguiu aprender a língua deles, o chefe daquele grupo de esquimós, que usava uma longa pele branca pelos ombros, passou a levar o Toneca à caça.

Um dia, em que andavam os dois caçando, o esquimó da pele branca disse-lhe:

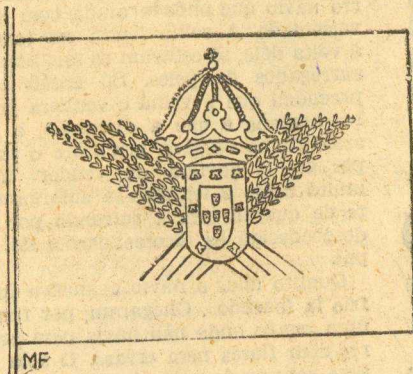
—«Todo o pássaro ou bicho que vejas, atira-lhe. Se errares a pontaria, po-



DINARCO

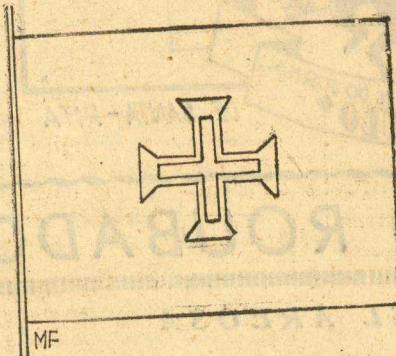
BANDEIRAS DE PORTUGAL

DESENHOS PARA COLORIR



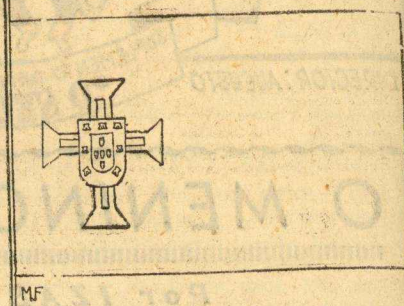
15 — 2.^a Bandeira dos Filipes

O escudo é idêntico ao da bandeira anterior, mas rodeado de folhagem verde.
Fundo branco.(1616-1640)



16 — Bandeira da guerra da Independência

E verde. Cruz de Cristo vermelha com a parte central branca.



17 — Bandeira dos galeões dos Índios

Branca, tendo, à esquerda a cruz de Cristo, sobre a qual assenta o escudo, tal era a bandeira que flutuava à proa dos galeões da Índia.

nho-te fóra de casa, e morrerás de fome.»

A certa altura apareceu um pinguim, e o esquimó da pele branca disse para o Toneca:

— «Quero comer aquêles pinguim assado, esta noite. Avança e atira-lhe.»

O Toneca avançou, mas pos-se a pensar que o pinguim talvez tivesse filhos e que à noite ficariam muito tristes de não ver regressar ao ninho o pai pinguim. E como êle já sabia como era triste não ter carinhos de pai, não quis matá-lo; quando chegou à distância do pinguim o poder ouvir, disse-lhe:

— «Foge que o meu dono quiere que eu te mate.»

O pinguim percebeu logo e fugiu.

De longe o esquimó assistiu à fuga do pássaro, e ficou todo zangado. Quando o Toneca se aproximou, disse-lhe:

— «Deixaste fugir o pinguim; se não fóres mais habilidoso, para a outra vez, ponho-te fóra de casa.»

Dai a bocado viram junto ao mar uma foca.

O esquimó tornou a dizer-lhe:

— «Além está uma foca. Quero que a mates, para fazer umas botas da sua pele. Avança e atira.»

O Toneca avançou, mas outra vez começou a pensar que era uma pena matar o animalzinho que talvez tivesse filhos e que ficariam muitos tristes de não ver regressar o pai-foca. Quando chegou ao alcance da voz, disse-lhe:

— «Foge que o meu dono quiere que eu te mate.»

A foca percebeu logo e fugiu.

O esquimó da pele branca voltou a ficar muito zangado e a fazer as mesmas ameaças.

Apareceu depois um urso, e o esquimó tornou a dizer-lhe:

— «Além está um urso. Quero que o

mates porque quero fazer um casaco da sua pele. Avança e atira.»

Mas passou-se exactamente o mesmo que com o pinguim e a foca.

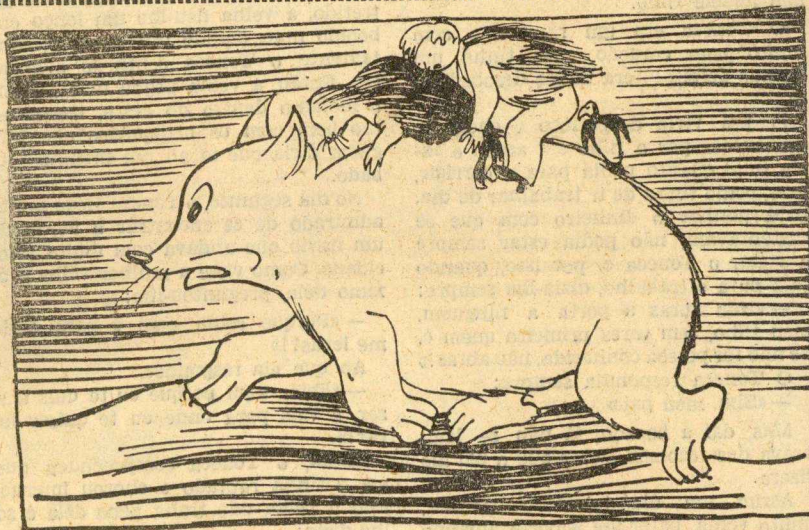
Quando o esquimó viu que o urso também fugira, no auge do furor, precipitou o Toneca á uma montanha de gelo abaixo.

Foi por milagre que o Toneca ficou inteiro. Quando olhou em redor e se viu rodeado de imensas montanhas e planícies de gelo, compreendeu que estava só no mundo e chorou lágrimas de fel. Mas, de repente, ouviu atrás de si umas vozes que diziam:

— «Diz-nos onde queres ir e nós te levaremos!»

Voltou-se e viu que eram o pinguim, a foca e o urso, a quem há pouco êle poupava a vida e que, agora, lhe vinham trazer o seu valioso auxilio, como recompensa.

Então, o Toneca contou-lhes a his-



tória dos seus infortúnios desde que aquela mulher velha o raptara, até o esquimó o lançar do alto da montanha. E contou-lhes as saudades que sentia do pai e de todos os carinhos de que disfrutava nêsse tempo em que com êle vivia.

Então, o urso abaixou-se e pôs o Toneca às costas mais o pinguim e a foca, e trepou pela montanha. Quando chegou à planície, caminhou até à borda do mar e aí, parando, disse-lhe:

— «Trouxe-te até onde podia. Nada mais te posso fazer!»

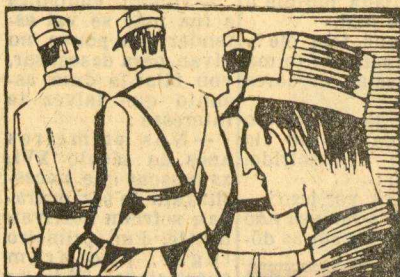
Então, a foca disse ao Toneca e ao pinguim que se encavalitassem no seu lombo, e levou-os através dos mares. Encontraram muitos «icebergs» e mil vezes correram o risco de serem esmagados por algum.

O pinguim e o Toneca desceram do lombo da foca e esta disse.

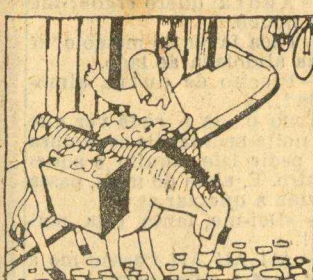
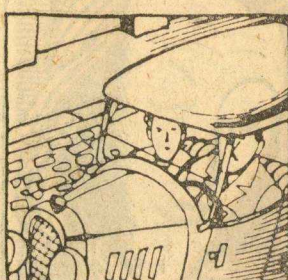
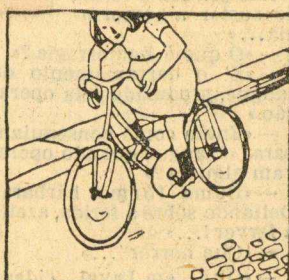
(Conclui na página 6)

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

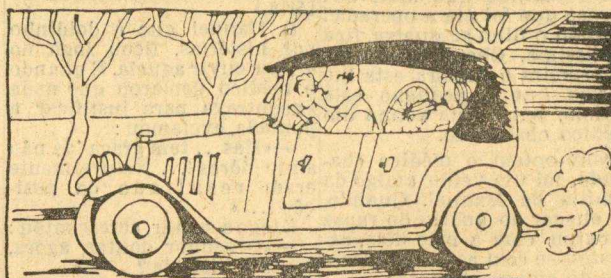
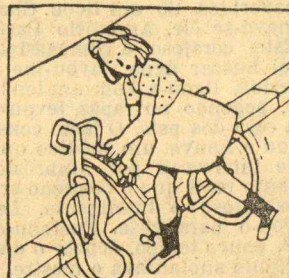
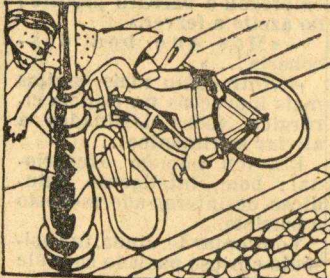
(Continuado do número anterior)



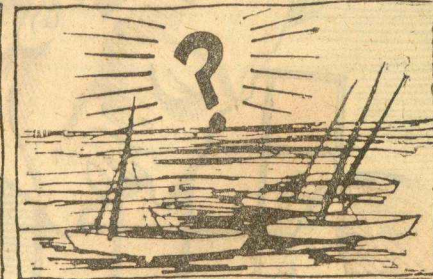
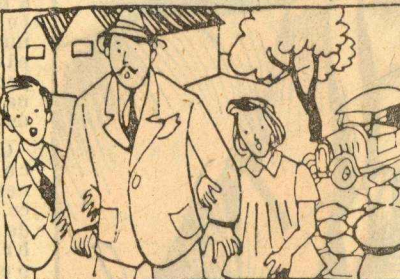
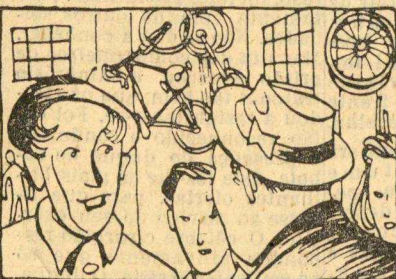
Abertos os pacotes, encontrados pela polícia, descobre-se, com grande espanto, que se trata de notas falsas, dum país estrangeiro. A polícia faz nova busca à casa mas nada mais encontra de anormal e decide retirar-se. Fajoca, Patachoca e Caralaroca vão também para casa e ali estabelecem novo plano para a descoberta da quadrilha internacional, em cujo encalço se encontram, mercê do incidente no jardim Constan-



inha internacional, em cujo encalço se encontram, mercê do incidente no jardim Constan- Fajoca e Caralaroca já são conhecidos dos bandidos. Não convém expôrem-se. E decidido, então, no dia seguinte, que Patachoca entre em acção. Pega na sua bicicleta e, disfarçadamente, vai percorrendo a rua, em vigilância. Caralaroca tinha um pequeno automóvel moderno, o qual resolve utilizar na caça ao bando. E dentro dele, aguarda,



Meio encoberto pela esquina, decide esperar os acontecimentos. Depois de duas ou três voltas, Patachoca atrapalha-se com o burro da mulher da hortaliça e vai de encontro a um candeeiro da iluminação pública. Há-de ser sempre desastrosos! Estes decidem ir levá-la a casa, com grande pesar de Patachoca, pois lhe saíra gorado aquele dia, devido ao facto da rapariga ser tão Patachoca. Entretanto, entram numa



casa de especialidades e mandam consertar a bicicleta que pode ser ainda necessária. Não tinham, porém, descoberto ainda a razão que levou o «cego» a ir a bordo do lugre e, como isso os intrigava, resolvem voltar para ali as suas atenções, pelo que, no regresso, o carro, voltam de novo ao cais, dele? O lugre já lá não estava, por isso, não têm ideia de que teria sido feito. (Continua no próximo número)

Lêr na 5.ª página:

CONCURSO de LEGENDAS A PREMIO

O INSOFRIDO

Por LEONOR DE CAMPOS



O Manuel foi operado da apendicite. Está numa casa de saúde, bem instalado, rodeado de comodidades e carinhos. A mãe está junto d'ele, dia e noite. Sempre atenta, sempre vigilante, desde que o filho foi operado, esqueceu-se por completo de si própria, para pensar apenas no seu rapazi-nho. Mas este, egoísta e mi-malho, não reconhece o sacri-fício que a mãe faz para se aguentar de pé — ela, que é doente e fraca — e está constantemente a importuná-la:

— «Minha mãe: quero água.»

— «Agora quero erguer-me um pouco.»

— «Faça favor de me colocar uma almofada ao lado.»

— «Preciso de outra almo-fada!...»

Todo o dia e cada vez que de noite acorda, ele se lembra de pedir isto, aquilo e aque-loutro. E, além do mais, passa a vida a queixar-se:

— «Doi-me tanto esta per-na!...»

— «Ai! Ai! Ai! Passou-me a dôr para a outra perna!...»

— «Parece que estou lo a cos-tura da operação! Doi-me tanto!...»

A pobre mãe está tão ma-gra e abatida que mete dô! Parece que foi ela a operada! Quando o filho se queixa, fica aflitíssima. Chama logo uma enfermeira e embora esta lhe afirme que o pequeno está óptimo, exige que venha um médico observá-lo.

Ante-ontem o médico cha-mado, foi um velho amigo da família de Manuel. Quando, ao chegar ao quarto do rapaz, encarou com a mãe d'ele, as-sustou-se com a sua palidez e rápido emagrecimento:

— «Está doente, minha se-nhora?»

— «Não, doutor. Só estou

muito apoquentada porque o Manuel se sente mal.»

— «Então, o que tem êle?»

— «Não sei. Queixa-se duma pontada nas costas, de dôres na cabeça...»

O médico que já conhecia o pequeno e sabia quanto êle era exagerado e insofrido, não se assustou:

— «Vamós lá a ver isso! — disse-lhe. — E se a doença não fôr grave e te passarem as dô-



res, como tenho meia hora li-vre, vou contar-te uma his-tória.»

O Manuel que é doidinho por histórias, ficou logo no ar, por ouvir aquela. E quando o médico declarou que nada encontrava para justificar a pontada, exclamou:

— «Mas... tem graça! Já não sinto dôres!... Naturalmente eram resultado da posi-ção!...»

E logo a seguir, acrescentou:

— «O senhor doutor, agora, conta a história?»

— «Mas se as dôres voltam?»

— «Não voltam! Estou muito melhor!...»

O médico sorriu e disse:

— «Então, enquanto a tua mãe se vai es-tender um pouco no divan, para descansar, vou falar-te dum as-sunto que talvez te interesse:

— Nos primeiros anos do século XVI, as pessoas que neces-sitavam de ser opera-das, sofriam horriavel-mente. Em primeiro lugar, não eram anestesiadas. Tôdas as operações eram feitas a sangue-frio. E depois não se conhecia uma fórmula prática e eficaz de sustentar a hemorra-gia...»

— «O que é hemorragia?»

— «E' o derramamento de sangue, produzido pela opera-ção.»

— «Então como conseguiam parar o sangue quando opera-vam alguém?»

— «Duma fórmula bárbara: Deitando sôbre a ferida, azeite a ferver!...»

— «Que horror!...»

— «Ora, em Laval, cidade francesa, andavam, certo dia, a brincar, alguns rapazes. De repente, um d'êles caiu, feriu-se na cabeça e desmaiou. Os companheiros fugiram espavoridos. Só um ficou. Chamava-se êle, Ambrósio Paré. Este, corajoso e compassivo, foi buscar água, lavou-lhe a ferida, ligou-a com um lenço e, pegando no rapaz, levou-o a casa dos pais. O facto constou e houve um médico que se interessou por Ambrósio, tanto mais que o pequeno era estudioso e inteligente. Levou-o para casa. Ensinou-o. E, pouco tempo, depois o discipulo suplantava o mestre.

Durante alguns anos, prati-cou no hospital de Paris. Mais tarde foi nomeado cirurgião do exército.

Então, lembrou-se de substituí-lo por uma mistura de gema de ovo e terebintina.

Nessa noite não dormiu, no receio de que os feridos, trata-dos por êste processo, lhe morressem. Ao amanhecer correu a vê-los e verificou então que êstes estavam quasi sem dôres e bem dispo to, enquanto que os outros o; que tinham levado azei e ferver, se revolviavam nos leitos, cheios de febre e de scri-mento.

Desde então, nunca mais empregou o bárbaro proce-so do azeite a ferver.»

— «Mas que boa des-coberta!...»

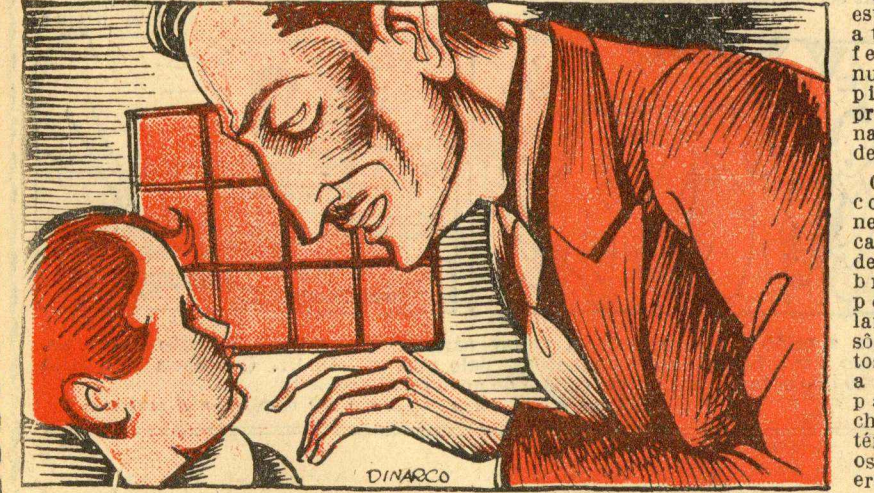
— «Introduziu mais, muitas mais inovações na ciência cir-rúrgica, tôdas destinadas a aliviar sofrimentos...»

Era um homem excep-cional: bom, inteligente, estu-dioso, desinteressado, modesto e patriota.

Vou contar-te, ainda, um epi-sódio curioso passado com êle e que mostra bem o seu ca-rácter:

Certa vez, a cidade em que estava, foi tomada pelos es-panhois. Ambrósio Paré, que andava vestido de soldado raso, foi feito prisioneiro, jun-tamente com os outros sol-dados. Não se deu a conhecer. Mas um dos companheiros de prisão adoeceu e Ambrósio tratou-o tão bem, que não tardou a restabelecer-se. Foi en-tão reconhecido e conduzido à presença do duque de Sa-boia. Este fez-lhe as mais bri-lhantes ofertas, para que ficasse ao serviço do seu exér-cito. O célebre cirurgião res-pondeu altivamente que só ao seu país serviria. O duque, desesperado, ordenou que fôsse para as galés. Mas um oficial alemão pediu-lhe que o curasse, pois estava grave-mente ferido. Então, Ambrósio Paré, esquecendo-se de que o outro era inimigo, para se

eram mul-
 (Continua na página 6)



A DESDITA duma BONECA

—(TRADUÇÃO DE AMÉLIA FERREIRA)—

OLGA estava radiante com o presente que o pai lhe dera:—Uma boneca de cêra, tão linda, como ela nunca vira outra igual. A criança cantava e pulava de contente, chamando pela criada, que fôra sua ama, para que viesse ver, também, essa boneca tão linda, de faces róseas, com umas engraçadas covinhas; olhos azuis e brilhantes, pescoço, peito e braços em cêra, lindos e rechonchudos.

Estava vestida de setim, com peúgas brancas e sapatinhos pretos.

Olga tão depressa a admirava como a abraçava e beijava.

Jorge, seu primo, um garoto de cinco anos, que a viera visitar, correu a ver o que

motivava tanta alegria em sua prima.

— Olha, Jorge, que linda boneca que o papá me deu! — disse a Olga.

— Deixa-me pegar nela, deixa-ma ver na minha mão. — Não! — respondeu a pequena — que ma podes quebrar.

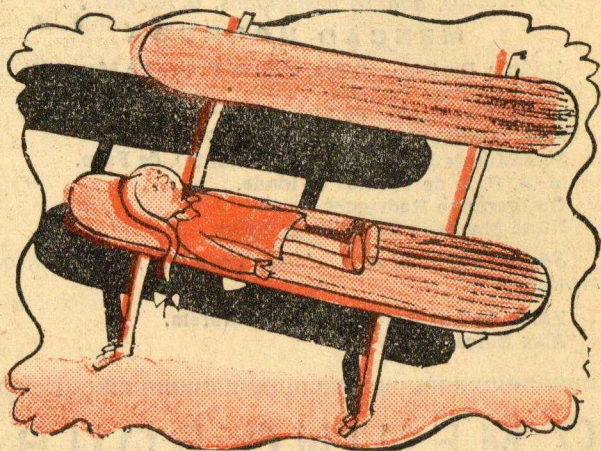
— Não tenhas medo que eu seguro-a bem, com muito cuidado, e dou-ta já.

Ainda que receosa, Olga satisfez a vontade ao primo, recomendando-lhe, no entanto, que tomasse muito sentido, para a não deixar cair.

Jorge examinou a boneca minuciosamente e, ao restitui-la, disse:

— Não durará muito, porque, com o teu feitiço de desmanchar tudo, hás-de quebrá-la.

— Ora! Fica certo que hei-de tratá-la com bastante cuidado.



Agora, vou convidar a Yolanda e a Mercês para que também a venham ver.

— Então se não fôres tu que a quebres, serão as tuas amigas! — respondeu Jorge.

— Não sucederá assim, porque elas bem sabem que, se eu ficasse sem a boneca, teria um grande desgosto, e o papá ralharia comigo. A Yolanda será a madrinha e tu padrinho, queres? Vou convidá-las para a cerimónia do baptismo. Quero que ela se chame Violeta.

No dia seguinte, Olga, quando ia vestir a boneca, achou-a fria. Oxalá, pensou ela, que isto não seja prenúncio de doença. Os pezinhos e as mãozinhas estão gelados!! O melhor é pô-la ao sol, a ver se aquece. Dirigiu-se, então, para o jardim e deitou a boneca num banco onde o sol, um sol escaldante de Agosto, batia em cheio.

— Que estás fazendo? — perguntou-lhe a mãe.

— Estou a aquecer a boneca, porque ela está com muito frio.

— Não sejas tolinha! O sol irá derretê-la.

— Oh! Não, mamá! Não se inquiete. Ela é muito dura.

— Convence-te que o sol a amolecerá e ta estragará.

Olga não fez caso dos conselhos da mãe; em breve, porém, viu os resultados da sua desobediência.

Nesse instante, chegavam as amiguinhas. Olga correu para elas, feliz de as ver. Yolanda e Mercês entraram correndo e falando ambas ao mesmo tempo, espalhando alegria. Mostraram logo a sua impaciência em querer ver o presente que Olga tivera do pai. Esta, que entretanto fôra buscar a boneca ao banco, segurava-a com ar consternado.

Yolanda, na sua curiosidade infantil, também contemplava a boneca e, por fim, disse:

— Ah! Ela é cega! Não tem olhos.

(Continua na pág 8)

CONCURSO de LEGENDAS a PREMIO

FÁBULA PREMIADA

BOI ANAFADO e a RÃ VAIDOSA

NUMA formosa manhã, coaxando sôbre uma frágua, em certo charco, uma rã viu um boi a beber água.

Sentindo-se assaz mesquinha ante a estatura imponente do boi, a rã miudinha eis bebendo àvidamente.

Quando, porém, atingiu quasi o tamanho do boi, um grande estrondo se ouviu! — Querem saber o que foi?

Fôra a rã que rebentara por tanta água beber! A ambição custou-lhe cara, e isto era bem de prever

Como a rã não queiram ser, meninos, muita atenção! Ninguém pretenda exceder sua própria condição.

Lisboa, 1940

José Pedro Miranda.

CONCURSO DE LEGENDAS A PREMIO

Além da poesia premiada, que hoje publicamos, mereceram classificação as composições dos seguintes concorrentes:

Os meninos, abaixo designados, obtiveram:

MENÇÃO HONROSA

António Emérico Mosca e Rosa Freire de Menezes, da Figueira da Foz.

Filipe José Vieira, de Lisboa.

Maria Carmelita, da Figueira da Foz.

José Morais Lopes, (Flecha Sibilante), de Faro.

M. A. P. F. de 14 anos de idade.

Guilhermino Rodrigues.

Nuno Machado Carneiro de Brito.

São também dignos duma especial referência, os meninos:

Zaida da Luz Saramago, de Santarém.

Alex Buíça.

Rainha Cláudia.

Sebastião de Oliveira Maia, da Foz do Douro.

Victor de Sousa Vasconcelos, de Tomar.

Constança Cebola Maia.

Olga de Campos Pereira Rufino, de Lisboa.

Jorge Martins Correia, de Lisboa.

Rogério de Matos Pires, de Alemquer.

Elvira da Cruz Almeida, da Figueira da Foz.

João Carlos Simões Franco.

Maria Alice Mendes Evangelista.

Belmiro M. Pinho, de Lisboa.

José Ferreira Fontes de Melo, de Lisboa.

Maria Alice Mesquita da Cunha, de Lisboa.

Maria Amália da Conceição Alcobia, de Sacavém.

Alfredo Augusto Lopes, de Vilarinho dos Galegos.

Frade Felix, de Olhão.

O MENINO ROUBADO

(Continuado da página 2)

— «Fiz o que pude. Nada mais te posso fazer!»

Nessa altura, o pingüim revestido dum força sobrenatural, abriu as suas asitas disse ao Toneca que se montasse no seu dorso e elevou-se no espaço. Assim atravessaram muitas terras, voando sempre, até que avistaram a cidade onde vivia o pai do Toneca.

O pingüim voou em direcção à casa onde ele morava e deixou o Toneca

sobre o telhado.

O pequeno trepou à chaminé e deixou-se escorregar por ela abaixo, indo ter à casa de jantar, onde estava o fogão de sala. Próximo, encontrava-se o pai sentado, com a cabeça encostada à mão, numa attitude de profunda tristeza.

Quando o Toneca lhe surgiu, todo cheio de fuligem, pretinho como um tíção, ele nem queria crer no que via.

Deu um grito de indescritível alegria e abraçou-se ao filho, a rir e a chorar. Tinha outra vez, junto de si, o seu querido filho.

Toneca jurou, então, nunca mais desobedecer e tornou-se, de facto, um menino muito obediente, por já saber, por experiência própria, os perigos que correm os meninos que não seguem não só os conselhos dos seus pais como os das pessoas mais velhas

O INSOFRIDO

(Continuado da quarta página)

lembrar apenas de que era um ser humano que sofria, apressou-se a socorrê-lo e curou-o. Foi este official quem, por gratidão, suplicou e alcançou a liberdade de Paré.

E pronto: acabou a minha história. Gostaste?»

— «Gostei muito!...»

— «Sabes porque me lembrei de te contar? Foi porque, a pesar de todos os cuidados de que és alvo, te vejo imaciente e choramingas.

Agora pensa no que sofriam antigamente os nobres operados: nas dores que teriam, na forma como eram tratados e no perigo a que estavam expostos, antes das descobertas de Ambrósio Paré.

E depois diz-me se tens o direito de afligir, de martirizar a tua pobre mãe — bem mais doente do que tu — com ninharias ou piéguices impróprias de homens.

Manuel córou, envergonhado. Mas, desde ante-onhem, não mais se queixou, nem voltou a inventar males ou necessidades, suportando com resignação a imobilidade a que a operação o obriga.»

FIM

PASSATEMPO

ADIVINHA

s	g	v	u	e	l
m	a	y	x	e	k
s	a	b	b	c	a
v	r	a	i	c	e
n	s	t	e	n	s
i	a	n	t	o	o

MF

Solução do número anterior

CORRESPONDÊNCIA

Pedro Paulo — Impossível satisfazer o teu desejo. Lembra-te que só dispomos de 8 páginas.

Rosa do Adro — A secção que alvitas não nos parece apropriada para um jornal infantil.

Gabriel El — Está combinado: — Voltaremos a publicar uma secção charadística. Vai preparando original.

Felizmina — O teu desejo será satisfeito brevemente na respectiva secção: — «O cestinho da costura.»

Tátá e Tótó — Recebemos. A decisão do júri sairá no próximo número.

Lembranças do

TIO PAULO.

BÈBÉ CONVERSANDO

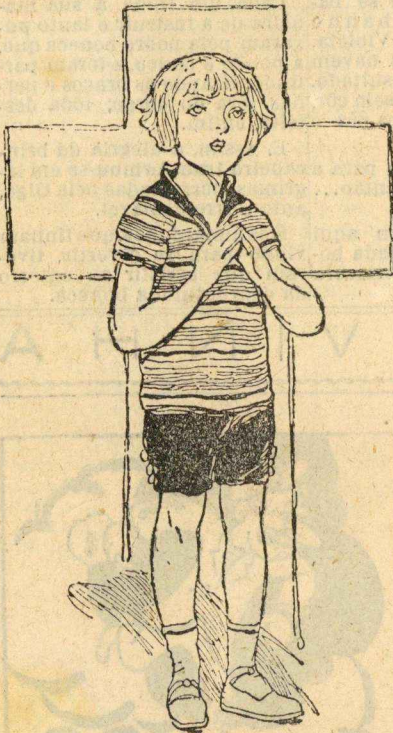
Por GRACIETTE BRANCO

E já não parto os vasos do jardim...
 Já cômô a sopa tôda até o fim...
 Já cômô os ovos...
 Já abotôo os sapatinhos novos!...

Anh?
 Pois!
 Deu-me a Mamã!
 São dois...

E já não rôo as unhas!...
 Só bebo água quando tenho sêde!...
 Não faço gafafunhas
 na parede!...

E o Menino já não chora!
 Já não deixa o leite em meio!



Nem deita a língua de fóra
 que a Mamã diz que era feio!
 Nem tira o miolo ao pão!
 Nem chora por ir p'rá cama!
 Nem tem mêdo do Papão,
 porque dorme ao pé da Ama!

... Anh?!
 ... Ah!... Tenho! Tenho!...
 Pudera!... Diz que tem uns olhos,
 assim,
 dêste tama-a-a-a-anho !!

Olhe: e também já sei rezar...
 Anda a Mamã a ensinar,
 porque o Menino, a papar,
 já não se pinga nem suja...

Olhe p'ra mim!
 E' assim:

— Salvé Rainha
 Mãe de Misericórdia!
 Vida... Vida... Vida... Vida...

Olhe: e o fatinho à maruja
 já é de calça comprida!...
 Não se ria! Já é tal!
 E tem
 dois
 bolsos dos lados,
 p'ró Menino pôr dinheiros...

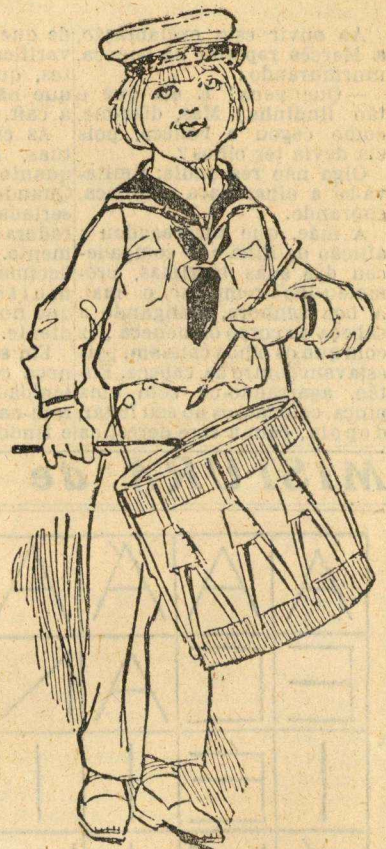
tal qual
 como os marinheiros,
 quando andam todos fardados...

E ó depois
 o Menino
 é quem
 manda nêles todos...
 Assim
 com uns grandes modos...
 à frente

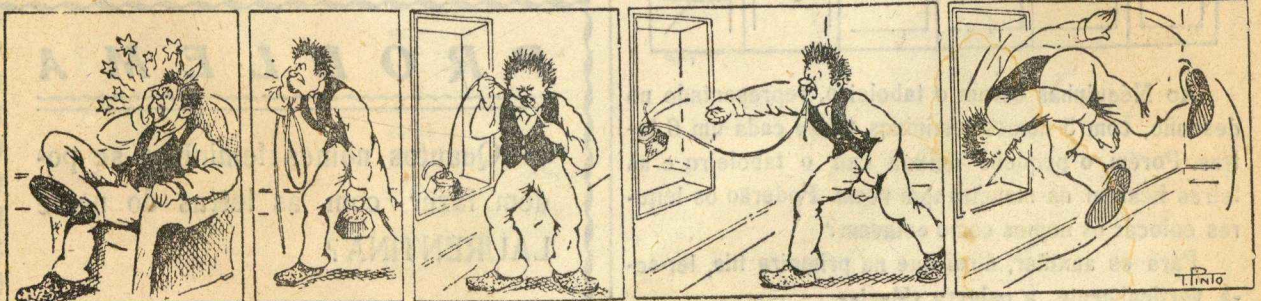
daquela gente,
 sempre a bater
 numa caixa:
 — Meia volta, volver!
 Ordinário, marcha!
 Pum, Pum, Pumcatapum!

Anh?! Quantos anos é que eu tenho?!
 Olhe bem p'ró meu tamanho!

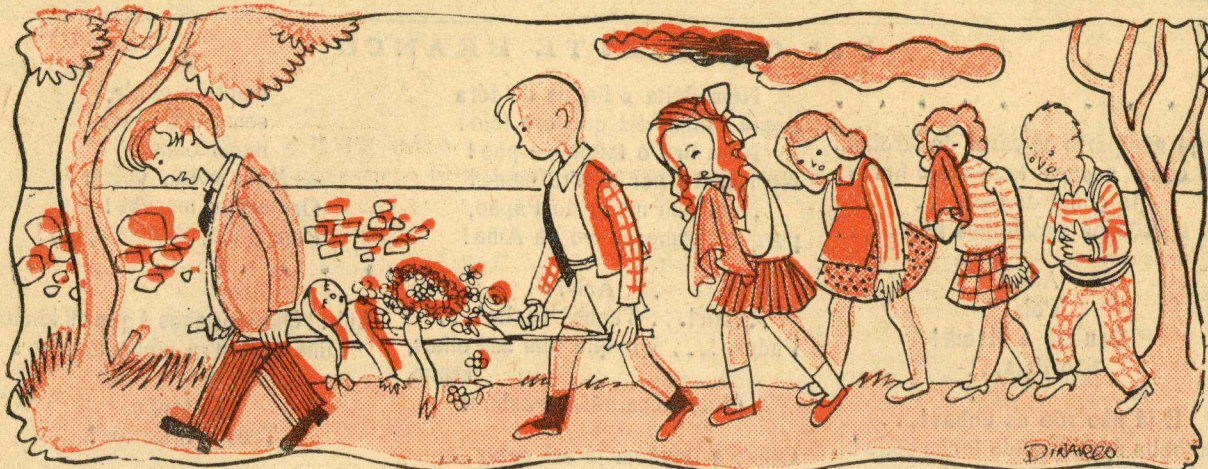
Já tenho
 Três e mais um!



HISTORIA MUDA



A DESDITA DUMA BONECA (Continuado da pag. 5)



Ao ouvir esta exclamação, a Mercês reparou na boneca, murmurando:

— Que pena! E ela que é tão lindinha! Mas, dize-me, como cegou a boneca, pois ela devia ter olhos?

Olga não respondia; limitava-se a olhar para a boneca, chorando.

A mãe, que surpreendeu a aflição da filha e se compadeceu das suas lágrimas, prometeu-lhe remediar o mal. A boa senhora, desligando a cabeça do corpo da boneca, fez com que os olhos caíssem, pois estavam dentro da cabeça. Então, agarrando-os com uma pinça, colocou-os no seu lugar; e depois, com a cêra derretida,

de que se munira, colocou-os, verificando, passados minutos, que estavam seguros e que não seria fácil tornarem a cair.

As crianças pareciam estátuas, mudas e quietas, enquanto se operava o «milagre». Quando viram a boneca consertada, deram palmas à «operadora», doidas de contentamento. Olga, então, em agradecimento à mãe, beijou-a muitas vezes, prometendo que nunca mais seria desobediente.

Em seguida, vestiram a boneca com primor, para a solenidade do baptismo. Levaram-na em triunfo, cantando e rindo. E a boneca passou a

chamar-se Violeta, vivendo algum tempo tranqüila e tratada com todo o cuidado.

Um dia, porém, a endiabrada Olga pensou que as crianças precisavam de se banhar e foi dar um banho com água quente à Violeta. Os meus leitorzinhos devem calcular qual foi o resultado. A pobre boneca ficou sem cor, muito pálida e com os pés e as pernas derretidas.

Que desapontamento para a pobre Olga! Chorou, então... Chorou longamente.

Porém, não pararam aqui as desditas da desgraçada boneca, que, pelo visto, nascera em má hora.

Num dia em que as três meninas e Jorge se reuniram, lembraram-se de que Violeta também precisava de aprender ginástica.

Cada um tinha a sua maneira de a instruir e tanto punxaram pela pobre boneca que, a pouco e pouco, a foram partindo, ficando os braços e pernas fóra do corpo; tôda desfeita, enfim.

E, assim, a alegria da brincadeira transformou-se em lágrimas, derramadas pela Olga, ante o irremediável.

E as amiguinhas, que tinham vindo para se divertir, tiveram que assistir ao enterro da desventurada boneca.

MISURA de LETRAS

A	A	Ã	A	A	A
E	C	A	N	O	O
I	É	I	I	E	E
O	M	I	L	S	A
U	L	L	L	M	R

Ao Néquinhas deram o taboleiro, representado no desenho, com 5 nomes femininos, tendo cada um 6 letras. Porém, o pequeno deixou cair o taboleiro e as letras ficaram da maneira que vêem. Poderão os leitores colocar os nomes como estavam?

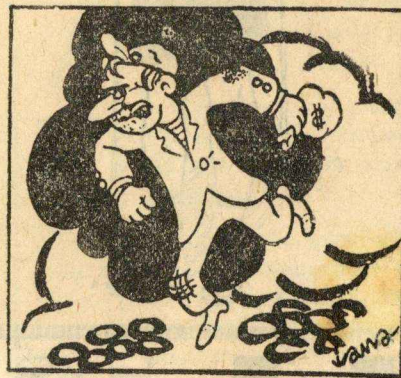
Para os auxiliar, direi que na primeira fila, ler-se-à, verticalmente, a palavra «Maria».

A DIVINHA

Meus meninos:

— Este ladrão roubou um saco com dinheiro e vai a fugir do dono que, no entanto, está bem perto.

Vejam se o descobrem!



PROBLEMA

Quantos nomes femininos se podem fazer com as letras do nome LAURENTINA?